

SOFIA BATALHA

O dia a seguir da Tempestade

Ecologia da Loucura e do Luto,
Corpo Contaminado, Mitologia
e o Feminino do Fim dos Mundos



Que estas páginas não se tornem memória inerte, nem inspiração congelada. Não são conteúdo nem pedem pressa, mas continuação em presença.

Se citares, partilhares ou ecoares este trabalho, honra a fonte. Cada palavra tecida aqui nasce da minha experiência incorporada, limitada e situada—*de centenas de horas de escuta, estudo e entrega, sem apoio institucional, sem fundos ou garantias.* Referenciar não é formalidade, é ética e cuidado com as tramas e corpos envolvidos e que sustentam o livro que tens agora na mão.

Não esqueçamos que este trabalho é feito sobre chão instável. Assenta em plataformas que extraem violentamente minerais, águas e vidas dos territórios onde os nossos olhos raramente pousam. Não há neutralidade. A tecnologia que usamos, a infraestruturas que sustentam este encontro, tudo isso implica custos ecológicos e sociais profundos. Este livro também tem uma pegada. Que nos lembre do que ainda precisa de ser transformado.

Edições Corpo-Lugar

Uma edição original Sofia Batalha

Título: O Dia a seguir da Tempestade, Ecologia da Loucura e do Luto, Corpo Contaminado, Mitologia e o Feminino do Fim dos Mundos

Texto e revisões: Sofia Batalha

Design e paginação do miolo e capa: Sofia Batalha

Agosto 2025

© 2025, Sofia Batalha - Todos os direitos reservados.

O conteúdo desta obra não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por processo electrónico ou mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem prévia autorização por escrito de Sofia Batalha.

Índice

Prefácio de Telma Laurentino .	5
A Mesa no Olho da Tempestade .	19
Grito-oração que nos convida a sentar numa mesa em pleno colapso, onde o íntimo e o coletivo se entrelaçam na tempestade contemporânea.	
Pôr a Mesa .	21
Um ritual de escuta e responsabilidade situada, onde a mesa se torna um espaço relacional entre tempos, mundos e feridas.	
O Dia a seguir da Tempestade .	29
Reflexão que abre trilhos sobre o que sobra, o que muda e o que insiste após o embate com a tempestade, num tempo suspenso entre luto e reconstrução.	
O Pulsar das Entranhas .	37
Sobre a ética sensível do corpo como lugar de escuta profunda, onde os sinais de transformação vêm das vísceras e do sentir incorporado.	
A Idade do Meio .	49
Corpo e tempo de travessia em maturação, onde a linearidade cronológica é abandonada a favor de uma sabedoria emaranhada.	
Da Loucura como Metáfora à Loucura Vivida .	69
Um mergulho íntimo e político na experiência da loucura, desconstruindo narrativas normativas e celebrando a sua potência fecunda e desestabilizadora.	
Na Boca do Monstro .	87
Reconhecimento do mito e da monstruosidade como parte da travessia, onde o confronto com o desconhecido gera alquimia de sentido.	
O Teu Nome no Barro .	109
Uma deusa que nos prepara para o mergulho, evocando a sabedoria mítica como guia para a jornada submundo adentro.	
O Conto da Descida .	128
Primeiro Portal .	137
Segundo Portal .	140
Terceiro Portal .	143
Quarto Portal .	146
Quinto Portal .	148
Sexto Portal .	150
Sétimo Portal .	153
Epílogo .	157
Uma despedida-semente, onde o percurso é deixado ecoar como ritual vivo, para continuar a ser tecido nos corpos que o lêem.	
Notas .	167
Referências .	184



A Mesa no Olho da Tempestade

*Debaixo da Árvore que tombou,
onde as raízes rasgaram o chão
até tocar ossos contaminados,
há uma fenda aberta para o submundo.*

*Na boca desta ferida,
uma mesa coberta por uma toalha antiga,
bordada às cegas por uma avó diagnosticada como louca,
manchada de lágrimas, barro e sangue menstrual.*

*À mesa, sentam-se as vozes que nunca foram domadas,
as mulheres que enlouqueceram,
as que sangraram em silêncio,
as que dançaram com monstros de olhos abertos.*

*Não há mapa aqui.
Só um corpo desregulado de herbicidas e hormonas,
uma bússola partida feita de medo e desejo,
e um pão azedo partilhado entre o mito e o luto.*

*Este é o festim do fim do mundo,
onde o vinho fermenta com veneno,
os cânticos desafinam com dor,
e a deusa, de barro rachado,
tropeça para dentro da terra partida,
parindo o futuro dos sete limiares da contaminação.*

*Aqui, a escrita é queda.
A oração é grito e murmúrio
das raízes abertas ao céu rasgado.*

*Bem-vinda à mesa.
Traz a tua ferida.
Ela é o teu convite.*

Cuidados ao Caminho

Este livro é um ritual em forma de travessia, se te parecer denso, não estás a falhar. É o mundo adoecido de digestões rápidas que não nos ensinou a sentar com o lodo ou a escutar com as vísceras. *Silenciámos o pulsar das entranhas em favor da pressa ansiosa.*

Esta é uma escrita assumidamente mito-poética, para ser lida com o corpo e não em abstração veloz, não é para entender ou quantificar, é para entrar. Este é um convite para não recuar diante da ferida, reconhecendo que a ferida é *O Portal*. Sentamo-nos à mesa com o mundo em colapso, mas também com o corpo contaminado em escuta.

Aventuramo-nos numa travessia pelo íntimo e coletivo, onde loucura, monstrosidade, barro, mito e silêncio são companheiros sagrados do colapso envenenado. Cada capítulo é um limiar, das feridas partilhadas à desaprendizagem das identidades fixas; da compostagem ética à imaginação relacional e parentesco ecológico. Os sete portais atravessam sedimentos do *eu contaminado* até ao húmus do mundo, onde deixamos cair os arrogantes mantos de excepcionalidade para vestir a nudez raiz do corpo-terra. *Enredadas.*

Não serve este livro, para auto-diagnóstico ou como base para decidir parar de tomar medicação prescrita. Este não é um livro técnico. Todas as mulheres devem ser acompanhadas de perto por profissionais e especialistas competentes que conhecem a sua história. Não tomes decisões apressadas ao ler estas palavras vivas. Este é um lugar de gritos poéticos e não de diagnósticos, terapias, soluções ou curas a questões fundas, contextuais e complexas.



Por a Mesa

Estas palavras surgiram em convulsão após a tempestade Martinho, dia 20 de Março 2025, e por um conjunto de nós de Vida. Uma das mais de mil e duzentas ocorrências da tempestade foi a *Árvore*, o Cedro-Catedral, que vivia em frente a mim que caiu, rasgando o chão e o coração.

Ao mesmo tempo, carregava no meu saco invisível de palavras, os conceitos de *Feminis Bestialis* e os *Mad Studies*, em curiosidade ardente de os tecer em conjunto. Trazia ainda no regaço, o curto ensaio que escrevi em 2024, “*Os Deuses da Modernidade*”, de onde emergiram os deuses esventrados e contaminados, ainda em desdobramento vivo. Tudo isto enquanto o corpo e a psique mudam em jorros voláteis pela perimenopausa.

Deste corpo-lugar volta a memória da minha avó diagnosticada como louca, da sua intensidade e presença, em olhos brancos que nada viam. Se aos vinte

anos revisitei esta presença zangada e delirante em mim, ela volta agora mais forte e brusca. De facto, esta escrita borda-se com a minha história pessoal de falta de diagnóstico e excesso de medicação prescrita, tecendo cautelosamente com linhas de poder, opressão e lucro. Se, por um lado, no meu contexto, o excesso de medicação é a norma, isso não silencia outros contextos onde os exames ou fármacos são inexistentes, mas essenciais à sobrevivência; outros onde são forçados ou testados sem responsabilidade; e outros onde existem na quantidade necessária e qualidade certa para o corpo a quem se destinam. Para além do cruzamento inevitável com os poluentes que nos envolvem, sempre invasivos e surpreendentes, este bordado não pretende assumir posições universalizantes e muito menos diagnósticos finais. É, antes de mais, uma declaração de pluralidade complexa, tecida numa trama mito-poética.

O conto de Inanna, (re)fabulado e constantemente revisitado por mim, foi aqui tecido em conjunto com o trabalho da Dra. Carme Valls-Llobet. Conhecer a sua pesquisa e prática inspirou-me a co-zer fragmentos tóxicos e contaminados com fabulações míticas e o sistema hormonal feminino.

Outra nota, em paradoxo cuidadoso, que quero explicitamente trazer é sobre os compostos químicos listados ao longo do livro. Tal como a bióloga Telma Laurentino me fez notar, o estudo e investigação de cada composto no corpo, feminino ou ecossistémico, é realmente complexo e, atualmente, insuficiente, sendo praticamente impossível isolar os efeitos específicos de cada um devido à sua omnipresença na modernidade. Trago a paisagem envenenada como parte inevitável dos corpos e lugares, onde não temos escolha se somos, ou não, expostos a estes compostos. Fazem, hoje, parte inevitável e interseccional dos

corpos-lugar, sendo impossível de os separar ou clarificar os seus efeitos com dados e conclusões finais. Os sintomas são complexos e podemos reparar que as mesmas manifestações serão listadas várias vezes para compostos diferentes, o que ecoa as múltiplas camadas e incertezas dos impactos destes químicos nos corpos, humanos ou não-humanos. Arrisquei, com a inclusão destes compostos, uma insurgência mito-poética que nos chamasse à atenção destas presenças silenciosas e traiçoeiras nos sistemas ecológicos que nos suportam. Não pretendi recriar um reducionismo de causa-efeito, entre o químico e o sintoma, numa simplificação desvinculada de cada contexto. Também não apresento referências dos dados desta complexa teia de relações entre os tóxicos ambientais, medicamentos e dos seus supostos efeitos nos corpos, pois, baseei-me fundamentalmente no trabalho e livros da Dra. Carme Valls-Llobet, de onde constam todas as referências.

Reclamo também trabalhos que muito me tocam, pela sua poética crua, entre o lamento e a revelação, trazendo a ideia da circularidade tóxica no metabolismo planetário partilhado. O livro de Astrida Neimanis, *Bodies of Water Posthuman Feminist Phenomenology*, em que a água é corpo e vínculo, circula, penetra, transforma e conecta, corpo-a-corpo, solo-a-sangue, lágrima-a-oceano. Assim como o artigo de Jennifer Peeples, *Toxic Grotesque, Ambiguous Territory: Architecture, Landscape and the Postnatural*, no grotesco tóxico que rasga as promessas de contenção, onde as fronteiras falham, os sistemas excretam e os resíduos se derramam lentamente. Ambas as autoras recordaram-me da porosidade dos supostos limites entre humano/não-humano, corpo/sistema ou sintoma/causa. De formas diferentes, ambas me trouxeram à crueza dos corpos que urinam resíduos de medicamentos e os corpos de água

contaminados por metais pesados industriais, onde não há margem estanque, só porosidade comum. Os cursos de água não distinguem entre a descarga da fábrica e a micção humana, pois ambos escorrem para o mesmo ciclo hidrológico delirante, onde a Terra, em ferida séptica, engole e redistribui o que não consegue conter ou digerir. Esta circularidade tóxica não respeita muros, ao escapar dos filtros, entranhando-se nos aquíferos, atravessando corpos humanos, animais, vegetais e meteorológicos. Estamos sempre a reabsorver o que despejamos, dos anti-histamínicos que tocam nos peixes, lamas com benzeno que saturam o solo, às partículas que dançam no ar antes de se condensarem como chuva. É este o metabolismo partilhado da infecção, onde as excreções cheias de medicamentos de uma metrópole, o solo saturado de químicos e os efluentes de uma mina abandonada se encontram no mesmo corpo hídrico, tornando visível o que a modernidade tenta esconder: *que todos os corpos são permeáveis e todos os territórios são pele viva*. Lembrando que, na mesa abundante da Terra, colhemos o que plantamos e, se calhar, andamos a plantar ventos há demasiado tempo.

Numa forma ainda antropocêntrica, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a saúde ambiental como “um determinante fundamental do bem-estar humano”. Ecoando o que quero trazer ao longo destas páginas, que a nossa saúde não existe isoladamente, dependendo sempre de ecossistemas saudáveis. Porque o que *acontece ao planeta acontece-nos a nós, pois respiramos o que a Terra respira*. A OMS refere que a poluição do ar, da água e do solo introduzem toxinas na nossa cadeia alimentar, afetando ainda mais a saúde a longo prazo. Afinal sempre fomos Terra.

Por outro lado, escrevo a partir de um corpo-mulher europeu branco, com acessos privilegiados a saberes e recursos do Norte Global. Este é o chão complexo e contraditório que herdo, chão onde se sedimentam violências coloniais e extrativismos, mas também o desejo inquieto de não repetir ou romantizar estes padrões. Não falo em nome de tradições vivas que me sejam diretamente herdadas, nem reivindico autoridade ou especialidade sobre os muitos mundos que inspiram este texto. Caminho com o eco longínquo de um mito sumério com mais de cinco mil anos, fabulado através deste corpo contaminado e situado. Não como especialista ou guardiã de verdades perdidas, mas como aprendiz em trânsito, tecendo fragmentos de sonho, luto, restos de histórias, rastros linguísticos e um desejo profundo de reparação.

Se há aqui alguma ousadia, não é a de ocupar territórios alheios, mas a de me permitir ser implodida desde dentro pelo que em mim foi domesticado. Este é um livro escrito no lodo do privilégio que procura decompor-se, na tentativa de não recair nos confortos da normopatia vigente. Um convite a ouvir o que ainda range, grita ou silencia na carne partilhada deste colapso.

Aqui escrevo sobre uma *Árvore* que caiu pelo vento e não posso deixar de uivar pelas notícias e relatos que dão conta do país que arde há semanas a fio, em chamas espalhadas pelo vento e décadas de negligência institucional. *As muitas Árvores incineradas*. Do inferno que as populações locais vivem, contabilizando as perdas materiais, a falta de meios estrutural e o mato *não limpo*. Mas as notícias tendem a ignorar sistematicamente a vida não-humana tornada em cinzas ou as plantações de eucalipto, falsamente chamadas florestas, que ardem como fósforos—e *não os eucaliptos não são “os maus”*. Esta dor e perda legiti-

ma a violência das soluções rápidas, desde o corte raso para “prevenção de incêndios”—*como nos lembra Gonçalo Ribeiro Telles “a limpeza da floresta é um mito”*; o uso de pesticidas como “estratégia”; ou o corte de bosques ancestrais para “energia verde”. Como consequência, o fogo é agora um violento ritual de devastação, coreografado por mercenários industriais, abandono rural e políticas devastadoras, inadvertidamente ajudados por um planeta em ebulição. *Pirómanos*. Transformada em recurso e transação monocultural, a Terra que outrora nutriu culturas de árvores de combustão lenta e sabedoria hidrológica está exausta, quente e erodida. Foi-lhe negada autonomia, diversidade, tempo lento, comunidade e rituais, sendo ainda culpabilizada quando se inflama. Transformado em arma pela lógica extrativista, o fogo deixou de ser professor ou transformação, sendo agora risco ecológico e ferramenta de necropolíticas de investimento disfarçadas de *desenvolvimento*.

Há muito que esquecemos a relação entre o fogo e a cerimónia, ou os acordos mútuos entre a Terra e as pessoas em contratos sazonais de reciprocidade. *As Árvores, arbustos e ervas não eram só “combustível”*. Agimos agora sob a extração disfarçada de ambientalismo, com o abandono rural a ser codificado como ineficiência. O resultado é fogo que devora, deixando marcas fundas no território. *Desolação*. Os vendidos ao lítio e celulose ateam fogos para obter lucro rápido, fragmentando habitats. As poucas verdadeiras florestas, que ainda resistem, são tidas como conjuntos de dados ou inventários de recursos e não como parentes, professores ou participantes nas bioculturas locais. Isto não é conhecimento ecológico, mas modelos económicos abstratos que não ouvem o que a Terra grita. Mas aqui evocamos a escuta, mesmo que doa.

Para isso, deixo-te, a ti que lêes, perguntas-fio que mantêm viva a trama mito-poética, política e ecológica do livro. Oscilam entre o íntimo e o planetário, entre a memória pessoal e o metabolismo tóxico comum. São perguntas para manter abertas as fendas que o próprio livro quer habitar. Listo-as para que as possas levar contigo ao longo das páginas:

- *Como se entrelaçam o corpo local e o corpo-planetário?*
- *Que saúde é possível sem a saúde dos ecossistemas?*
- *Como honrar a loucura como percepção ecológica e permeável sem a superficializar?*
- *Como habitar a pluralidade sem lhe roubar as vozes?*
- *Que mitos sustentam o cuidado no meio do colapso?*
- *O que muda quando olhamos a Terra ferida sem desviar o olhar?*
- *Que mundos surgem quando sabemos que toda pele é território vivo?*

Seguimos com a mesa posta à beira da Árvore tombada, com a toalha de linho bordada pela minha avó, mesmo à entrada do submundo, como a metáfora corpórea que sustentou os meandros desta escrita.

— *Sofia Batalha, Agosto 2025*

